

divórcio dos pais e na saída iminente da figura paterna de casa, compreendeu: precisava ser para Amanda o que, provavelmente, nenhum dos dois teria.

“Eu sempre fui mais proativo no sentido de ajudar minha mãe. Quando meus pais se divorciaram, minha mãe teve que assumir a casa sozinha e, na maior parte do tempo, trabalhava fora. No fim, éramos uma criança cuidando de outra criança. Eu acredito que perdi parte da minha infância e adolescência tendo essa responsabilidade de cuidar, não só dela, como das coisas de casa também. Ocorreu um amadurecimento precoce, isso me mudou e teve muitas coisas que eu só consegui entender depois de adulto. Eu não entendia que precisava ser mais responsável, acho que não tinha maturidade pra isso. Mas eu fiz o que eu tinha que fazer”, completa

Hoje, vendo a Amanda adulta, Lucas sente admiração por tudo o que foi construído. Embora as dificuldades tenham aparecido ao longo do caminho, é um orgulho, para ele, ver

“Admiro muito o Lucas, em todos os aspectos, chego até a me emocionar quando falo dele. Com certeza ele é minha referência de homem”

Amanda Borges

que a menina de seus olhos foi mais do que ele jamais imaginou que seria. “No fim, tínhamos tudo para não ser o que somos hoje”, diz Lucas.

Olhando o irmão como uma referência, Amanda acredita que ele cumpriu bem um papel que não era destinado a ele. Meu pai nunca foi presente na nossa vida e conseqüentemente fez falta na infância. Mas o Lucas, a nossa mãe e o nosso outro irmão fizeram muito bem esse “papel”. Mas não só por isso. Admiro muito o Lucas, em todos os aspectos, chego até a me emocionar quando falo dele. Com certeza ele é minha referência de homem”.

Uma relação de amizade e parceria. Algumas diferenças e semelhanças, que fazem parte dessa rotina. Entretanto, entre os dois, existem mais coisas em comuns do que parece. Senso de humor, playlist de humor que ambos compartilham, eventos e comidas. Além disso, situações emocionais que os irmãos vivenciam. A opinião e apoio são as duas coisas que fundamentam esse vínculo tão especial de Lucas e Amanda.

Psicanálise

uma experiência do inconsciente



Ivanisa Teitelroitt
Martins



<https://exlibriseditora.com.br/product/psicanalise-uma-experiencia-do-inconsciente/>

O FAZER ARTÍSTICO E A PSICANÁLISE RESENHA DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Fazia uma pequena correção num trecho de meu romance *Esquisse*, versão francesa, sobre as andorinhas do mar – “les hirondelles de mer échangent em plein vol des morceaux de poisson, elles forment une communauté surprenante”. Lacan se refere, no seu *Écrits*, às andorinhas do mar para demonstrar a existência de um comportamento simbólico no reino animal para chegar à ideia de festa ritualística de “passation” num ágape totêmico humano. Nesse instante me chegou o livro de Ivanisa Teitelroitt Martins, *Psicanálise: uma experiência do inconsciente*. Um denso, percuciente e extraordinário estudo sobre psicanálise para estudiosos do tema, mas não só; um livro importante para os amantes de literatura e de cultura em geral. Chapeau!, como diria Lacan. Logo de cara, no primeiro capítulo, *A lógica do inconsciente*, leio a frase de Lacan *A angústia é um excesso de real*. De Gide, dos *Moedeiros Falsos*, até os filmes de Hitchcock, a psicanálise é personagem. Freud já se debruçara ferozmente sobre textos literários. Lacan precisa que a arte serve como uma restauração dos defeitos de construção do ser humano. Um defeito de fábrica. O real não é para ser sabido, escreve Ivanisa no capítulo *Sintoma e real*. Ora, o analista não opera com a consistência da razão porque o inconsciente não conhece a contradição. Ivanisa esclarece o leitor e a leitora no seu *Apagamento do sujeito*. Pensei, durante a leitura desse maravilhoso ensaio, na tragédia de Sófocles: a morte do pai, a posse da mãe e a cegueira que se segue à descoberta do ato. Blanchot adentra essas veredas em seus textos. Ivanisa o cita na obra. O discurso sobre o EU dos psicanalistas abre uma janela imensa para o prazer do texto (Barthes) na medida em que autoriza as transgressões e os desejos recalçados do leitor e da leitora. “A língua dorme em seu sentido, como fazê-la despertar o real?”, lê-se no capítulo *O discurso analítico e o dizer*. No romance *Menino oculto* trabalhei particularmente esse desafio. A narrativa da psicanalista autora da obra em análise me trouxe uma potente luz, quão potente são as suas reflexões teóricas, sobre o meu próprio fazer literário. *Psicanálise: uma experiência do inconsciente* enfatiza, no capítulo *Da letra à topologia*, e relembra a passagem do ideograma a palavras de forma didática e saborosa, uma característica, aliás, de todo o texto. Derrida, no seu *De la grammatologie*, me explicava que a escritura não é um instrumento de transmissão de uma palavra anterior que ela apenas colheria. Que se liberte o significante gráfico, bradava ele com voz suave. Cabe a distinção face a face do “dentro”, onde está presente o pensamento, e o “fora”, quando a escritura entra em cena. No capítulo *Psicanálise: uma experiência do inconsciente em ato*, eu, como ficcionista, me reconheço e me regozijo e me consolo por não estar só: (A analisada é uma cineasta). “É outro trabalho que não é o estudado nem o observado, algo que ficou guardado, que talvez o inconsciente traga, algo que ficou de fora. Não é algo que acontece toda hora, dificilmente, mas ...é ...está suspenso ... para poder retomar esse tipo de texto acho que eu consigo perder o tempo para não perder o tempo, tem um desejo de criação constante que não costuma parar, com possibilidade de eu levar para vários lugares (...). Será que eu dava conta de elaborar um melodrama à Almodóvar?” Ufa, exclamo eu. *Psicanálise: uma experiência do inconsciente* é de leitura obrigatória. Membro da Academia Brasileira de Letras. Sexto ocupante da cadeira no 35 na sucessão de Cândido Mendes de Almeida. Autor de romances como *O Bruxo do Contestado*, revelação do ano de 1996, e *Amores Exilados*, aclamado pela crítica no ano de 2011.